

A biografia como espaço de poder, caminho de saber e campo de possibilidades



Wilton C. L. Silva

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Assis). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Unesp-Assis. Autor, entre outros livros, de *A construção biográfica de Clóvis Beviláqua: memórias de admiração e de estigmas*. São Paulo: Alameda/Fapesp, 2016. wilton@assis.unesp.br

* Este texto vincula-se a projeto de pesquisa desenvolvido com recursos da bolsa de auxílio regular da Fapesp.

¹ Identifico como biografismo a construção e o estudo de narrativas biográficas, em uma abordagem ampla na qual se inserem tanto formas canônicas como inovadoras de elaboração de um “espaço biográfico”. Arfuch define “espaço biográfico” como o conjunto de obras como “biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos – e, melhor ainda, secretos –, correspondências, cadernos de notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, filmes, vídeo e teatro autobiográficos, a chamada *reality painting*, os inúmeros registros biográficos da entrevista midiática, conversas, retratos, perfis, anedotários, indiscrições, confissões próprias e alheias, velhas e novas variantes do show (*talk show, reality show*), a videopolítica, os relatos de vida das ciências sociais e as novas ênfases da pesquisa e da escrita acadêmicas.” E, particularmente no campo intelectual, continua a autora: “assistimos a exercícios de ‘ego-história’, a um auge de autobiografias intelectuais, à narração autorreferente da experiência teórica e à autobiografia como matéria da própria pesquisa, sem contar a paixão pelos diários íntimos de filósofos, poetas, cientistas, intelectuais”. ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010, p. 60 e 61.

² As reflexões teóricas foram desenvolvidas por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Wilton C. L. Silva e Alexandre de Sá Avelar, os bastidores de pesquisa, por Vavy Pacheco Borges e Ana Carolina de Moura Delfim Maciel, e as experiências de escrita biográfica, por Adriana Barreto de Souza, Daniele Maria Megid, Kátia Rodrigues Paranhos, Aline Andrade Pereira, Hélio de Lena Júnior e Benito Bisso Schimdt, o que contribui para uma visão abrangente de como uma parte importante do campo acadêmico problematiza um tema intrinsecamente vinculado à memória e ao passado e situado em meio às tensas relações entre indivíduo e sociedade.

A biografia como espaço de poder, caminho de saber e campo de possibilidades*

Biography as power space, knowledge pathway, and possibility field

Wilton C. L. Silva

AVELAR, Alexandre de Sá e SCHIMDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018, 242 p.



A Torre de Babel é um conhecido mito bíblico que no Gênesis se refere ao esforço de descendentes de Noé para erguerem uma sólida construção que os levasse próximo à Deus e ao mesmo tempo permitisse a eles manterem-se unidos, sem sofrerem dispersões. Tal ambição, contrária à determinação de povoar toda a terra, é compreendida pela divindade não só como vã mas também como um afronta e desperta uma reação sobrenatural que divide os homens através da imposição de que falassem diferentes línguas, dificultando o entendimento e a comunicação.

Isso poderia ser encarado como uma metáfora sobre o biografismo¹, quer pela extensão do campo de pesquisa, quer pelos desafios enfrentados e humores despertados, que produz uma extensa bibliografia, a qual, em última análise, demonstra a capacidade e o engenho humanos, manifestados em distintas searas e com a diversidade intelectual de várias línguas e referências teóricas. Diferentemente do mítico edifício, mesmo acendendo iras (não divinas) e sofrendo desgastes, é constantemente reconstruído e tem se mantido presente.

A biografia moderna encontrou sua gênese no século XVIII e um momento privilegiado de sua produção no XIX, suscitando no XX um crescente interesse em termos teórico-metodológicos sobre suas características, a ponto de envolver, entre outras disciplinas, as ciências sociais, a teoria literária, a filosofia, a psicanálise, a história. Como domínio multidisciplinar, cujo objeto de reflexão assume formas diversificadas e dinâmicas, apresenta-se como um grande desafio para exercícios de análise e síntese.

É no interior de tal contexto que em 2012 a dupla de pesquisadores Alexandre de Sá Avelar e Benito Bisso Schimdt publicou uma coletânea pela editora Letra e Voz intitulada *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*, que se tornou leitura obrigatória para quem deseja entrar em contato com a amplitude das possibilidades de fontes, métodos e recortes na construção e análise de trajetórias individuais. O livro oferece onze capítulos dedicados às questões teóricas, aos bastidores de pesquisa e às experiências desse tipo de escrita, abordados por autores que se dedicam ao estudo do biografismo em uma perspectiva historiográfica.²

Em 2018, seis anos depois, Avelar e Schmidt organizam um novo livro, *O que pode a biografia*, que amplia as discussões apresentadas anteriormente, contando com doze capítulos distribuídos em dois blocos temáticos, os

horizontes teórico-metodológicos e as experiências de pesquisa e leitura das narrativas biográficas.

As discussões teórico-metodológicas são abordadas por Benito Bisso Schmidt, Deivy Ferreira Carneiro, Maria da Glória de Oliveira, Mary Del Priore e Rose Silveira, e as experiências de pesquisa e leitura, por Alexandre de Sá Avelar, Francisco Martinho, James N. Green, Jorge Ferreira, Laura de Mello e Souza, Margareth Rago e Temístocles Cezar.

Benito Bisso Schmidt discute, com base na concepção de regime de historicidade proposta por François Hartog, a existência de uma percepção “presentista” que fundamenta as tensões éticas, políticas e intelectuais que envolvem a narrativa de vidas em uma época de crescente judicialização e na qual a escrita biográfica provocou disputas no âmbito cultural, midiático e jurídico – a partir da discordância entre biógrafos, biografados e seus representantes, editores, associações profissionais, entre outros – sobre a necessidade de autorização prévia dos personagens e/ou seus herdeiros para a publicação de trabalhos dessa natureza.

Deivy Ferreira Carneiro, por sua vez, reflete sobre a utilização da biografia na micro-história italiana, referenciando as teorizações do antropólogo norueguês Fredrik Barth, com obra de relevo sobre as questões da etnicidade e do transnacionalismo, a crítica aos modelos funcionalistas e estruturalistas na problematização das variantes e determinantes comportamentais, e os usos da biografia nas pesquisas da historiadora italiana Simona Cerutti sobre os ofícios profissionais em Turim no século XVII, nas quais ela se valeu de reconstruções pontuais de percursos e escolhas de alguns indivíduos e grupos familiares como chave explicativa de dinâmicas sociais coletivas em diferentes fases do ciclo da vida e domínios da experiência.

A sempre citada “ilusão biográfica”, apontada por Pierre Bourdieu, é problematizada por Maria da Glória de Oliveira, ao recorrer a Paul Ricoeur para a legitimação de uma perspectiva que, em relação à história de vida, permita não só reconhecer a inevitável presença da fabulação e da vivência, como ainda dar conta das relações complexas entre ipseidade e mesmidade.

Na sequência, a questão da legitimidade e das possibilidades da biografia como recurso historiográfico é exposta de maneira bastante didática e panorâmica por Mary Del Priore, que conclui o seu texto explicitando o desafio futuro dos historiadores de produzirem um tipo de conhecimento que tanto responda às exigências herméticas da academia quanto às demandas socioculturais.

Rose Silveira encerra o bloco teórico aproximando a escrita biográfica do jornalismo através de sua identificação com a reportagem, como gênero e técnica. É uma reflexão instigante ao acenar com as aproximações dos processos de pesquisa e organização narrativa e os afastamentos calcados nos procedimentos de análise e dos objetivos finais entre a prática jornalística e a pesquisa acadêmica nas ciências humanas, o que permite pensar a escrita biográfica em termos do que é e do que pode vir a ser em campos distintos.

Já os capítulos que tratam das experiências de pesquisa e leitura nos colocam diante de um enfoque próximo ao da ego-história³, opção enriquecedora por estimular o leitor ao contato com os processos objetivos e subjetivos do trabalho historiográfico. Alexandre de Sá Avelar puxa a fila dessa escrita mais autorreferenciada apresentando as condições de produção de sua tese de doutorado, defendida em 2006, sobre o pensamento do

³ Proposta derivada do livro *Essais d'ego-histoire* (1987), organizado por Pierre Nora. Na contracapa da edição portuguesa, explica-se: “Que é ego-história? Não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstracta, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a sua própria história como se fosse de outrem, tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador, a ligação existente entre a história que cada um fez e a história de que cada um é produto”. NORA, Pierre. *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989. O texto em si já mostra certos receios e desconfianças sobre a escrita autobiográfica, ainda não legitimada por muitas tradições intelectuais da historiografia.

general Edmundo de Macedo Soares e o contraste das perspectivas daquele contexto intelectual com os avanços atuais da teoria historiográfica e da narrativa biográfica.

De sua parte, Francisco Martinho, autor de uma biografia política e intelectual sobre Marcello Caetano, o político português que foi igualmente historiador, nos conta seu percurso pessoal pelos arquivos e documentos, e os desafios de equilibrar-se entre a complexidade e as particularidades do biografado e as exigências pessoais e institucionais como pesquisador.

A presença de James N. Green, escolha extremamente feliz, introduz em uma linguagem elegante e fluida, a questão da relação entre biografia e memória grupal e, em especial, com a cultura *queer* através de considerações sobre sua obra a respeito da “vida extraordinária” de Herbert Daniel, que, de membro e dirigente de grupo guerrilheiro na ditadura militar, se converteu em referência intelectual e política para o movimento homossexual brasileiro depois da “abertura” política (eis um exemplo de abordagem que tem produzido um volume muito significativo de publicações nos Estados Unidos e, em contraste, bastante tímido no Brasil).

Na seara mais estritamente política, Jorge Ferreira discorre sobre seu livro sobre João Goulart e a transição de seu interesse intelectual dos referenciais coletivos inspirados pelas influências dos Annales e do marxismo, para os individuais, por intermédio da biografia de um indivíduo notável, mapeando os movimentos de sua pesquisa e a recepção de seu livro.

Utilizando a autobiografia de Vitório Alfieri, escritor italiano do século XVIII, Laura de Mello e Souza compartilha as ideias e as inquietações que tal leitura lhe despertou, a narrativa de um “cavaleiro de dois mundos” que, como intelectual, buscou independência e liberdade de pensamento em um mundo de transformações radicais, entre o Antigo Regime e a Revolução Francesa. Ela, por essa via, visou enriquecer a compreensão de um tema de pesquisa ao qual se dedica há mais de uma década, a migração dos Sabóia do Piemonte, dos Bourbons de Nápoles e dos Bragança de Portugal.

Se o capítulo de James N. Green descortina a questão de gênero e, o de Laura de Mello e Souza, a autobiografia, Margareth Rago une ambas ao contextualizar seu trabalho com memórias de mulheres militantes de distintas nacionalidades, gerações e experiências históricas, sob uma ótica feminista. Cabe destacar a sensibilidade da autora para discutir a importância da imagem como suporte de memória autorreferenciada e de *performance* artística da fotógrafa Cindy Sherman como manifestação do “espaço biográfico”.

Temístocles Cezar fecha a coletânea de modo inteiramente pertinente ao indagar sobre a possibilidade de se contar histórias de vida sem biografia. Partindo de uma experiência de docência sobre os resultados obtidos em trabalhos de conclusão de um curso no qual desafiou os alunos a redigirem um ensaio de escrita criativa em história, narra o diálogo entre ele e uma estudante que produzira um texto incomum e que suscitou um diálogo sobre a recusa individual à ação e o papel do anônimo na história, o que inspirou o autor estruturar um capítulo com referências eruditas e reflexões teóricas sobre a escrita da história e que deixa fluir, de forma rara, uma boa dose da subjetivação do professor e de sua aluna.

O conjunto dos escritos oferece, enfim, um amplo e rico panorama de questões e abordagens reconhecidas e legitimadas na historiografia brasileira contemporânea, embora ainda alimentem críticas e desconfianças, procedentes ou não, derivadas de diferentes opções teóricas ou mesmo de

simples desinformação. Uma única ressalva cabível consistiria na possibilidade de uma maior polifonia, pois um objeto tão complexo e trabalhado em várias áreas do conhecimento poderia ser problematizado para além das fronteiras rígidas de uma disciplina, o que proporcionaria aos interessados uma maior diversidade de referenciais e de pesquisa.

Saliente-se que tal limitação não decorre de uma falha dos organizadores, sendo resultado de uma escolha legítima, mas ela permite vislumbrar o reflexo de certa ortodoxia de parte significativa da historiografia brasileira que ainda mantém a indiscutível hegemonia das fontes escritas e identifica os trânsitos conceituais mais como ameaças do que como ganhos. Isso é constatado até nas pesquisas sobre o “espaço biográfico”, entre outros aspectos, pelo predomínio de narrativas sobre “notáveis”, pela ínfima quantidade de trabalhos sobre a autobiografia como fonte ou objeto historiográfico⁴, pela ausência de trabalhos teóricos sobre os desafios e as possibilidades de fotobiografias⁵ e de estudos sobre estas, sem falar da inexistência de debates sobre a dimensão biográfica de objetos evocativos⁶, entre outras coisas.

Talvez por trabalharmos com o passado tenhamos maior dificuldade para olharmos o presente e o futuro, preferindo o conforto dos dogmas e cânones do já consolidado do que a inquietação e os riscos da inovação e do diálogo multidisciplinar, o que se traduz em uma perspectiva intelectualmente conservadora e um campo acadêmico cada vez mais segmentado. Não é o caso dos livros de Avelar e Schmidt, que não necessitam e nem pretendem esgotar o tema do biografismo, contribuindo para alargar o debate ao evidenciar três méritos inquestionáveis: a qualidade das explicações e reflexões disponibilizadas nos textos reunidos, o mapeamento da produção historiográfica e o convite irresistível para a ampliação dos estudos multidisciplinares de uma área de pesquisa em expansão.

Resenha recebida em junho de 2018. Aprovada em agosto de 2018.

⁴Ver MISCH, Georg. *A history of autobiography in Antiquity*. Londres: Routledge, 1950; BELL, Susan G. and YALOM, Marilyn. *Revealing lives: autobiography, biography, and gender*. New York: State University of New York Press, Albany, 1990; DONALDSON-EVANS, Mary, FRAPPIER-MAZUR, Lucienne and PRINCE, Gerald. *Autobiography, historiography, rhetoric*. Amsterdam: Rodopi, 1994; POPKIN, Jeremy D. *History, historians, and autobiography*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

⁵Ver EAKIN, Paul John. *Touching the world: reference in autobiography*. New Jersey: Princeton University Press, 1992; THÉLOT, Jérôme. *Critique de la raison photographique*. Paris: Encre Marine, 2009; KAWAKAMI, Akane. *Photobiography: photographic self-writing in Proust, Guibert, Ernaux, Macé*. London: Routledge, 2013; AR-RIBERT-NARCE, Fabien. *Photobiographies: pour une écriture de notation de la vie*. Paris: Honoré Champion, 2014.

⁶Ver MILLER, Daniel. *Home possessions: material culture behind closed doors*. New York: Berg, 2002; TURKLE, Sherry. *Evocative objects: things we think with*. Cambridge: MIT Press, 2007; JONES, Caroline J. *The painting in the attic*. In: TURKLE, Sherry, *op. cit.*; KOPYTOFF, Igor. *A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo*. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Eduff, 2008; HOSKINS, Janet. *Biographical objects: how things tell the stories about people's lives*. Nova York-Londres: Routledge, 2010, e TILLEY, Christopher *et al.* (orgs.) *Handbook of material culture*. Los Angeles-Londres-Nova Delhi-Singapura-Washington: Sage, 2013.